

## “Uma urna vazia”

Tamiko Panzella

O texto “Uma urna vazia” foi escrito por Tamiko Panzella, neta da Senhora May Yamaoka, uma devota adepta do Templo Budista de Alameda, dos Estados Unidos. Uma parte deste artigo foi lida por Ken Watanabe, o famoso ator japonês, quando a NHK transmitiu o programa de televisão intitulado, “Ken Watanabe relata dos Estados Unidos: os afetados pela Bomba Atômica que viveram debaixo do estandarte coberto de lantejoulas de estrela” no dia 21 de agosto no Japão. Desejamos compartilhar com vocês este artigo que nos impressionou. Muito obrigado, May e Tamiko! (escrito pela Rev. Shoyo Taniguchi)

Eu estava olhando para cima, para a parede coberta das letras japonesas. Estou chorando, mesmo que não consiga ler só uma letra. Porque sei que cada nome representa uma vítima com idade de escola primária pela bomba atômica. A parede está coberta de irmãos e irmãs, filhas e filhos. Sei que eles morreram com uma dor inimaginável, que cada um deles testemunhou o verdadeiro inferno nos últimos momentos de sua tão curta vida. Eles morreram no dia 6 de agosto de 1945 em Hiroshima, Japão, e a irmã da minha avó era uma destas pessoas.

Sob qualquer outra circunstância, eu ficaria perturbada por chorar em público. Mas, tantas lágrimas foram derramadas neste local, que a minha nem é notada. Um velho está sentado no banco atrás de mim, e ele também está chorando. Talvez o nome de seu irmão ou de sua irmã esteja na parede. Sua família pode nunca ter achado os corpos de seus irmãos no meio do monte empilhado de corpos queimados e despedaçados seres humanos. Sei que a minha avó e seu pai acharam o pequeno corpo de Mana após a busca pelos escombros por três dias e o pai reconheceu-a somente pelo bordado de sua roupa de baixo; seu rosto tinha sido queimado e esmagado, impossibilitando sua identificação. Se eles tivessem chegado ao local alguns minutos mais tarde, ela poderia ter sido enterrada no túmulo de massa com outras centenas de corpos não-identificados.

Talvez o irmão menor ou a irmã deste velho estaria num desses montes, e ele está chorando aqui na esperança de que esta urna vazia do monumento possa carregar suas rezas. Ou talvez ele, como eu, não saiba ler o japonês. Ou, ele está chorando porque percebe que por trás de todos os nomes tinham as caras de criança; que essas caras misturadas juntas, não identificadas uma da outra, no caos causado pela explosão, que como seus nomes pareçam estar misturados nesta parede, que o choro de cada criança não-identificada esteja no meio de milhares de outras vozes desesperadas; que as ruas e os prédios onde essas crianças cresceram não fossem identificáveis, pulverizados pelo vento que seguiu a chama intensa do calor.

Eu olho em volta e ainda não consigo acreditar que o local do Parque da Paz, cheio de cor e beleza, tenha sido posto de um dos mais terríveis acontecimentos da história. A grama viçosa e verde acoberta as ruínas que uma vez foram arrastadas no raio de uma milha. Os prédios destruídos foram substituídos pelos monumentos e memoriais, cobertos de mil cegonhas, dobraduras de origami, formando uma corrente. Minha própria cegonha deve estar voando em algum canto no meio das outras. As milhares de cegonhas que minha família, meus amigos e eu dobramos com dedicação, se misturam em meio ao arco íris de centenas de milhares de cegonhas que outros grupos colocaram. Toda vez que venho ao Japão, trago uma corrente de mil cegonhas comigo. Desta vez, minhas novas colegas do quarto me ajudaram. Eu as ensinei como dobrar e contei-lhes a história de como surgiu esta tradição.

Contei sobre a menina Sadako Sasaki que tinha dois anos de idade quando a bomba caiu. Dez anos depois, ela adoeceu por causa da radiação. Quando estava internada no hospital, ela conheceu a história sobre a cegonha que viveu mil anos de idade. E desejou dobrar mil cegonhas de origami, assim, o Deus a curaria. Ela conseguiu fazer 644 dobraduras de cegonhas antes de morrer aos 12 anos, e suas colegas da escola completaram dobrando as 346 que restavam, para serem enterradas com ela. Alguns anos depois de sua morte, uma estátua da menina segurando uma cegonha dourada no alto de sua cabeça foi erguida no Parque da Paz. Depois dessa história, milhões de pessoas levaram milhares de milhões de cegonhas dobradas para Hiroshima.

“Nossa!”, minhas colegas de quarto sussurraram quando terminei de contar a estória. “Esta estória é muito triste.” Mas elas não choraram. E elas não conseguiram entender porque eu, uma menina que nunca deixou alguém ver seu choro, cedeu às lágrimas com a história de alguém que nunca conheceu. Elas ajudaram a fazer as dobraduras de cegonhas, mas não entenderam para quê eles as dobraram. Que os frutos de seus trabalhos poderiam derramar uma cor no local que parece ser tão escuro. Que elas estejam dobrando as asas para ajudar a cidade que ficou curvada, a voar.

“Você quer minha ajuda?” Minha pequena prima, Alison, tocou em minha perna e me puxou de volta à realidade. “Com o que?”, perguntei, esfregando as últimas lágrimas dos cantos dos olhos. “Vamos fazer a oferenda.” Ela me deu uma pequena garrafa de água, e achei que ela estava incerta sobre o que deveria fazer com a mesma. Peguei sua mão e a conduzi em torno da parede onde a elevada estátua memorial está erguida. Abri a

garrafa, devolvi-lhe, e pedi-lhe que avançasse um pouco. Ela colocou a garrafa no pé da estátua, e correu reaproximando-se de mim. Colocamos as mãos juntas, abaixamos a cabeça e recitamos em voz baixa “Namo Amida Butsu”. “Eu coloco a minha fé no Buda.” Ela olhou em volta e talvez pensasse porque as pessoas estavam olhando para ela e sorrindo do que ela estava fazendo, o que geralmente é considerado sujar um local público. Ela pode não entender do significado de seus atos; ela não sabia que tinha oferecido água fresca e limpa para aqueles que tinham tanta sede que haviam tomado água contaminada de radiação, a qual as matou. Se ela soubesse, ela ficaria tão orgulhosa como eu quando tinha feito este ritual há treze anos.

Eu tinha seis anos quando fiz minha primeira viagem ao Japão. Minha mãe, meu tio, minha irmã e eu entramos no Museu Memorial da Paz de Hiroshima, enquanto a minha avó nos esperava lá fora. “Por que ela não vem?” perguntei, mas me mandaram ficar calada e fui conduzida ao museu. Eu entenderia bem logo depois.

O início foi como em qualquer museu, mas entrando em algumas salas, comecei a sentir como se entrasse num pesadelo. Vi as fotos de extrema dor e sofrimento – pessoas com corpos destroçados, pessoas com os desenhos de roupa gravados nas peles, pessoas com peles derretidas e pingando de seus ossos como se fosse cera de vela. Fui levado para fora pela saída de emergência onde minha avó me esperava. Choramos juntas, e pensei por que alguém fez causar tanta dor propositadamente, por que eles eram tão malvados... Eu ia ter pesadelos nas próximas semanas, acordando no meio da noite e repetindo essas mesmas perguntas.

Minha tia lembrava-se disso e tinha decidido de dispensar Alison do terror. Não vamos visitar o museu nesta viagem. Uma parte de mim inveja sua inocência. Mas eu nunca esqueço o sentimento de orgulho que senti na hora de oferecer a água para quem sentira sede por muito tempo. Minha tia fez isso tendo dó da minha prima de terror, mas sem saber daquele terror, o oferecimento da água para ela não tinha sentido. Posso sentir o modo como essa experiência mudou a minha vida, toda vez que opto por perdão e não raiva, gentileza no lugar de hostilidade, e amor no lugar de ódio.

Voltei-me para o outro lado da parede onde a minha avó mostrava para a família as letras gravadas do nome de sua irmã. “Lá”, ela disse, apontando a parede. “Mana Tamura”. Ela estava de óculos de escuro, assim não podia dizer o que ela estava pensando. Ela devia estar lembrando-se de sua irmã menor daquela época de ótimos

tempos. Pensei como ela conseguiu conter as memórias terríveis daqueles três dias quando ela e seu pai passaram procurando o corpo da irmã. Vi a lágrima escorrendo por trás dos óculos e soube que ela nunca tinha esquecido.

Afastamo-nos um pouco da parede e olhamos para cima, na parede, os nomes que imortalizam as crianças e que mostram algo tão mortal. Agora ela está chorando; eu, minha irmã e minha mãe estamos chorando. O velho ainda está sentado no banco atrás de nós, e está chorando. Centenas de pessoas talvez estejam chorando em todo o parque. Talvez eles estejam chorando a perda de seus irmãos e irmãs, a perda de seus filhos e filhas, a perda de suas mães e pais. Talvez eles estejam chorando por seus amigos, vizinhos, seus professores ou seus colegas da escola. Mas, eles estão provavelmente como eu: chorando por todos eles.